

O «Carvalho Santo» e o «Coreto» de Campo d'Égua (1)

INTRODUÇÃO

Campo d'Égua é uma das treze povoações que formam a freguesia de Santiago da Ribeira d'Alhariz. Pertence ao distrito de Vila Real e constitui, em área, a maior freguesia do concelho de Valpaços. Como o nome indica, a sede de freguesia é Santiago. As restantes povoações são, além das duas já referidas, Adagoi, Alvites, Amoinha Nova, Cancelo, Chamoinha, Esturãos, Parada, Paradela, Sanjusenda, Vila Nova e Vilela, aqui indicadas por ordem alfabética (Fig. 1).

A freguesia de Santiago da Ribeira d'Alhariz está rodeada por uma série de freguesias, pertencentes ao concelho de Chaves, umas, e incluídas no concelho de Valpaços, outras. Citemos, entre elas, as freguesias de Carrazedo de Montenegro (a mais importante), S. João de Curveira, Serapicos, Moreiras, Nogueira, Friões, Ervões, Vassal e Argeriz.

Os termos Parada (paragem), Paradela (pequena paragem) e Santiago parecem estar, na análise de alguns estudiosos, relacionados com a passagem de peregrinos a caminho de Santiago de Compostela.

Geograficamente falando, podemos considerar esta freguesia dividida em três zonas (Fig. 1):

Com altitudes inferiores a 600 m. Com altitudes compreendidas entre 600 a 800 m. Com altitudes superiores a 800 m.

A primeira destas zonas, com altitudes inferiores a 600 m pertence, já, à chamada «terra quente transmontana». Situam-se nesta área as povoações de Alvites, Cancelo, Parada e Sanjusenda. Sob o ponto de vista geológico predominam as forma-

(1) Trabalhos apresentados, como aluno da cadeira de Antropologia da Fac. de Ciências da Univ. do Porto, no ano de 1961.

ções metamórficas antigas interrompidas, de onde a onde, por algumas intrusões graníticas. As condições climáticas permitem, aqui, as culturas da oliveira, da videira e da amendoeira.



Fig. 1 — A freguesia de Santiago da Ribeira d'Alhariz e situação de Campo d'Égua na carta de $\frac{1}{50.000}$

A segunda daquelas áreas geográficas, situada entre as altitudes de 600 e 800 m, constitui como que uma «zona de transição». Geologicamente falando predominam as formações graníticas interrompidas, aqui e além, por formações metamór-

ficas antigas, xistosas. A cultura da oliveira desaparece, praticamente. A cultura da videira não ultrapassa, em geral, os 700 m. O pinheiro vai dando lugar ao carvalho e surge a cul-

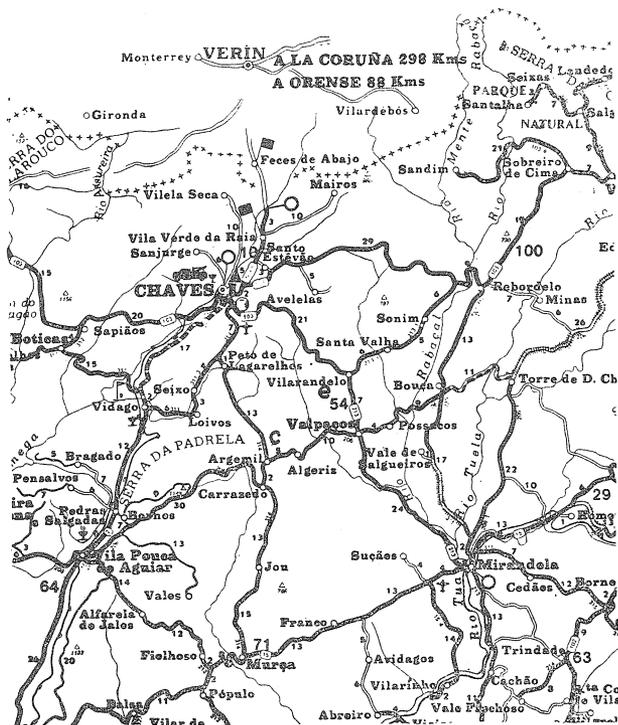


Fig. 2 — Posições de Campo d'Égua (c), de Argeriz e de Ervões (e), relativamente à aldeia de Carrazedo de Montenegro, às vilas de Vila Pouca de Aguiar, Murça, Mirandela e Valpaços e à cidade de Chaves (Mapa das Estradas de Portugal do A. C. P. na escala de 1/550000).

tura do castanheiro, principalmente nas proximidades das povoações de Chamoinha e Esturãos. Situam-se, nesta área, as povoações de Chamoinha, Esturãos, Vila Nova, Santiago e Paradela.

A terceira área geográfica, com altitudes superiores a 800 m, pertencem as povoações de Amoinha Nova, Vilela e Campo d'Égua. Sob o ponto de vista geológico esta área é predominantemente granítica, relativamente plana e, no domínio agrícola, sobressaem as culturas da batata, do centeio e da castanha. Os olivais e vinhedos desaparecem e o carvalho e o castanheiro, por vezes seculares e de grande porte, substituem quase totalmente o pinheiro.

Uma freguesia tão vasta e de características tão variadas, não podia ser pobre sob o ponto de vista histórico-cultural: *lendas, tradições, monumentos arqueológicos*. Cumpre a todos aqueles que estão sensibilizados para estes domínios dar a conhecer tal património evitando, assim, a sua perda total e irreparável, por terem caído no poço do esquecimento.

É muito, já, o que se fez até hoje, mas muito há, ainda, que desbravar e, principalmente, que preservar. O Instituto de Antropologia desta Universidade, sob a orientação do seu director Prof. Doutor Santos Júnior, não se tem poupado a esforços, no sentido de criar nos seus alunos, o verdadeiro interesse por tudo que cabe no domínio da Antropologia. E assim, anualmente, os alunos das licenciaturas em Ciências Geológicas e Ciências Biológicas são solicitados, como complemento ao programa desta cadeira, a apresentarem um «*trabalho especial*», à sua escolha, sobre um assunto relacionado com aquele importante ramo do saber.

Estou certo que têm sido recompensados os esforços feitos; pelo menos assim o prova a última exposição de trabalhos inaugurados no dia 11 de Abril de 1961, que esteve patente ao público durante 3 dias e foi muito visitada.

Os inúmeros assuntos que podem ser tratados tornam, por vezes, difícil a escolha. O domínio desta ciência é, por assim dizer, ilimitado, e os temas a estudar são, por conseguinte, inesgotáveis.

Escolhi a aldeia de Campo d'Égua, muito rica de tradições, por me ter servido de berço e ali ter vivido, permanentemente, até aos 11 anos.

Muitos são os assuntos, relacionados com a vida das gentes desta pequena povoação, que poderia tratar num trabalho desta natureza: a *Muda do Santo*; a *Partida do Burro*; as *Comadres*; a *Serrada da Velha*; os jogos da *Belharda*, da *Reca*, do *Malhão* ou do *Ferro*; a *Lenda do Carvalho Santo* e o *Careto*, entre outros. Dedici-me pelos dois últimos, pensando vir um dia a tratar os restantes.

LENDA DO CARVALHO SANTO

Foi na povoação de Campo d'Égua, no ambiente geográfico-geológico já descrito, no paraíso do Carvalho e do Castanheiro, protagonistas desta lenda que, ninguém sabe quando mas que foi, certamente, há muitos muitos anos, surgiu a lenda que vamos descrever e que chegou, até nós, contada de geração em geração.

A aldeia de Campo d'Égua situa-se a uma altitude de, aproximadamente, 820 m. Actualmente com 42 fogos e uma população que não ultrapassa as 150 pessoas, foi antigamente próspera em relação às suas vizinhas. As suas ruas são relativamente largas; as suas casas, ainda há poucos anos totalmente construídas com o granito da região e, por isso, completamente integradas na paisagem de onde emergiram. No entanto, a pouco e pouco, irreversivelmente, como uma doença contagiosa sem possibilidade de tratamento, o cimento, a cal, as tintas sintéticas, vão aparecendo como cicatrizes que alteram, para sempre, o monocromismo existente. De onde a onde, algumas casas muito antigas, com paredes circulares, dão-nos a conhecer, possivelmente, uma remota influência castreja.

A aldeia de Campo d'Égua propriamente dita, situa-se numa pequena depressão, aberta para noroeste, talhada ao longo dos anos por um pequeno curso de água de regime torrencial e tendo em frente, lá muito longe, a serra espanhola da Sanabria, a maior parte do ano coberta de neve e que é responsável, quando o vento sopra daquelas bandas, pelo intenso frio de alguns dias de inverno.

A cerca de 200 m a SE desta povoação, numa eminência rochosa, granítica, encontra-se a capela de N.^a S.^a da Encarnação. Com a frontaria virada para nascente, ela encontra-se completamente escondida deste lado pela presença de um imponente aglomerado granítico (Fig. 3). Esta capela é diferente de



Fig. 3 — Capela, muro limitante do adro capeado com grandes pedras de granito e o «Carvalho Santo».

todas as outras existentes na freguesia e, mesmo, diferente das estruturas religiosas que, vulgarmente são designadas por «capelas». Possui apenas um altar, mas o corpo da capela está dividido em duas partes: o corpo principal, mais largo, com uma escada do lado esquerdo que dá acesso ao coro e que tem, mais ou menos a meio, um púlpito de granito e com balaustrada de madeira e a capela-mor, mais estreita, para a qual se passa por um baixo degrau e que está encimada por um arco perfeito de granito.

O limite do adro, rectangular, é estabelecido por um muro também de granito sem qualquer material de ligação ou revestimento. A largura varia entre 70 e 80 cm e está capeado em toda a sua extensão, com grandes pedras igualmente de granito, medindo, algumas, mais de 1 m de comprimento e atingindo, mesmo, 1,60 m. Estas pedras coberturas ou «cápeas», possuem duas faces mais ou menos planas, interceptando-se a meio segundo um ângulo obtuso, tal como acontece com os telhados de duas águas. As cápeas situadas junto das portas de acesso ao adro possuem três águas com idêntica inclinação, interceptando-se duas a duas segundo uma aresta e originando, no ponto de intercepção das três faces, um vértice (Fig. 3). Em média o muro eleva-se a 1,20 m de altura, do lado interno. O acesso ao adro faz-se através de duas portas voltadas, respectivamente, para Sul e para Norte, sendo esta, a mais larga, que os habitantes de Campo d'Égua normalmente utilizam, pois que é aquela que se encontra voltada para a aldeia. Dado o desnível do terreno, o acesso a esta porta faz-se através de alguns compridos degraus que, tal como o muro, são feitos de granito.

Dentro do adro, do lado W, atrás da capela, encontra-se um velho tronco de uma árvore que mede, na base, 1 m de diâmetro e atinge, ainda, 4 m de altura (Figs. 3 a 6). Reconhece-se, pela presença de numerosos ramos, um deles com cerca de 60 cm de diâmetro na base, que se tratava de uma frondosa árvore. Encontra-se encostada ao muro, mas este não mostra sinais de ter sido deslocado durante o período normal de crescimento.

E eis o que nos diz a «Lenda do Carvalho Santo», acerca deste velho tronco que, enquanto pujante de vida, devido à cobiça humana, de «castanheiro» se transformou em «carvalho»:

Noutros tempos, este velho tronco, sustentando frondosos ramos, era um esbelto e nobre castanheiro que, indiferentemente, oferecia no Outono de cada ano a quem dele se abeirasse, as suas abundantes e saborosas castanhas. Entre as pessoas que tanto ambicionavam tal dádiva surgia, ano após

ano, um mês de permanente agitação. Naturalmente que eram os mais jovens, os mais fortes, os mais rápidos ou os mais madrugadores que ficavam com a maior parte do bodo. Tal situação de permanente disputa levava, frequentemente, a «zara-



Fig. 4 — O «Carvalho Santo», o adro e o cunhal posterior esquerdo da capela, bem como uma porção da cornija.

gatas» de consequências imprevisíveis, entre os habitantes desta povoação, normalmente pacíficos, amigos uns dos outros e sempre prontos a qualquer acção de entreatajuda.

E, a verdade, é que ninguém dormia o último sono pois, mal a manhã rompia, logo que o «buraco luzia», toda a gente,

novos e velhos, ainda estremunhados, com a cesta na mão e o saco a tiracolo ou a servir de capuz, a acabarem de se vestir pelo caminho, corriam a apanhar as castanhas que jaziam dis-



Fig. 5—O «Carvalho Santo». Fotografia do lado do adro, vendo-se que o grosso ramo, à esquerda, foi decepado com uma serra.

persas no solo sagrado do adro da capela, libertadas dos ouriços depois de amolecidos pela chuva e fustigados pelo vento.

Uma velhinha, porém, ou por ser menos rápida ou porque madrugava menos nunca conseguia, por mais esforços que

fizesse, apanhar «algumas mãos cheias que fosse», das tão desejadas castanhas. E, certo dia, depois de açoitada pelo vento forte, molhada e enregelada pela chuva, ter percorrido o caminho que



Fig. 6 — O «Carvalho Santo», visto do lado de fora do adro.

culmina com a subida da encosta que conduzia ao adro da capela sem conseguir, mais uma vez, a recompensa tão desejada, diz-nos a lenda, proferiu a seguinte praga: *«oxalá que, de hoje em diante te transformes num carvalho e que, em vez de castanhas, passes a dar bolotas»*.

O dia passou com a normalidade habitual, numa aldeia e numa época do ano em que as ocupações são bem poucas. A velhinha nunca mais pensou na praga proferida pela manhã, bem cedo, no adro da capela e junto do frondoso castanheiro. Qual não foi porém o seu espanto e de todos os habitantes de Campo d'Égua que na manhã seguinte acorreram, mais uma vez, para apanharem as saborosas castanhas ao encontrarem, em vez do seu conhecido castanheiro, um frondoso carvalho e em vez de castanhas, muitas, muitas bolotas que jaziam dispersas pelo solo, umas, enquanto que outras se encontravam lá no alto, presas aos seus ramos. Mudos de espanto, vencidos pela evidência, regressaram a suas casas, a passo lento e de olhos posto no chão. Só então a velhinha se lembrou da praga proferida no dia anterior e o povo compreendeu que a ganância de uns redundou em prejuízo de todos. Acabaram as inimizades... porém, tarde demais! O carvalho continuou sempre carvalho e a transformação inversa nunca mais se verificou.

Do antigo castanheiro ninguém se lembra. Quanto ao «Carvalho Santo», várias pessoas afirmaram terem-no conhecido ainda com frondosos ramos, folhas e bolotas.

Ao «Carvalho Santo» não era permitido cortá-lo e quando, com o tempo, qualquer ramo seco caía, era «arrematado», entrando a receita para as despesas do culto.

Por volta de 1944 (?) realizou-se um período de celebrações religiosas conhecidas por «Muda do Santo» e que tinha como objectivo pedir a interferência divina para pôr fim a um prolongado período de seca. Todos os peregrinos, vindos muitos de terras distantes, queriam levar, um pequeno fragmento que fosse, do velho tronco. E este assalto verificou-se, também, aos jovens carvalhos que cresciam junto, do lado de fora do adro da capela e dos quais quase só ficaram as raízes, porque se encontravam protegidas pelo solo. No dizer dos peregrinos que ali acorreram a elevar as suas preces para o fim da estiagem, estes jovens carvalhos eram «filhos» do velho e ressequido tronco.

Ano após ano, enquanto que o «velho tronco» vai, lentamente, desaparecendo, novos carvalhos, do lado de fora do adro, tal como aqueles que no ano de 1944 foram levados, aos bocadinhos, como relíquias, continuam a crescer e a revestir-se de folhagem em cada Primavera.

O «CARETO» DE CAMPO D'ÉGUA

O entusiasmo com que o Prof. Doutor Santos Júnior, Prof. de Antropologia e Director do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, falava, nas suas aulas, dos mascarados trasmontanos da região de Bragança, muito dos quais por ele minuciosamente estudados, fez nascer em mim a ideia de em trabalho especial ⁽¹⁾ dar a conhecer os mascarados e outros «caretos» de algumas das vizinhas povoações de Carrazedo de Montenegro, concelho de Valpaços, pois se me afigurava, pelo conhecimento directo que deles tinha, apresentarem características bem específicas e diferentes, portanto, dos mascarados brigantinos.

Como aluno de Antropologia no ano lectivo de 1960-61, escolhi, para este trabalho, o «Careto» de Campo d'Égua. Farei ainda, por me parecer de grande interesse, uma breve referência aos «caretos» de Argeriz e de Ervões, pois que possuem algumas características perfeitamente específicas que não só os distinguem entre si, mas os distinguem, também, dos «caretos» de Campo d'Égua.

Nesta aldeia, bem como noutras, ainda que poucas, pertencentes ao concelho de Valpaços (Paradela, Santiago, Pereiro, Argeriz e Ervões) mantém-se bem viva, ainda, esta festa tão característica, que se realiza no intervalo de tempo que vai do

(1) O Prof. Santos Júnior sugeria aos seus alunos a elaboração de um trabalho pessoal quer de Antropologia Física, quer de Arqueologia ou de Etnografia de temas à escolha de cada um.

Domingo Magro (Domingo da Sexagésima), isto é, o penúltimo Domingo antes da Quaresma, até ao dia de Entrudo propriamente dito.

O Entrudo que vou descrever já não é mais que uma sombra do que era há alguns anos atrás; creio bem que, daqui a uma dúzia de anos, ele não seja mais do que uma sombra de actualmente.

O «Careto» de Campo d'Égua é uma personagem que se apresenta sob três aspectos diferentes, mas cada qual com características muito específicas de acordo com um lugar bem marcado, isto é, com um papel a desempenhar muito distinto de todos os outros: os «mascarados» ou de «cainhas», as «madas» e os «cinzeiros».

«MASCARADOS» OU DE «CAMPAINHAS» (Fig. 7)

Como o próprio nome indica o «mascarado» apresenta, como característica principal, a face coberta por uma máscara, a «careta», de indústria caseira ou comprada no mercado. No primeiro caso, podem ser feitas de cartão, de lata ou, até de pele de coelho; no segundo caso, são normalmente feitas de cartão ou então, recentemente, de borracha o que as torna mais caras e, por conseguinte, menos acessíveis às magras bolsas da maioria.

A acompanhar o uso da máscara, ou careta, o mascarado de Campo d'Égua utiliza todo um conjunto de peças de vestuário, sendo umas de origem feminina e outras de origem masculina. Assim, prendendo a parte superior da «careta» à altura da testa e tapando o resto da cabeça que aquela deixa a descoberto, usa um «lenço de cabeça» de mulher, espécie de véu de algodão de cores garridas ou estampado; duas das pontas descem da testa e, encobrindo as orelhas, vão apertar na região posterior do pescoço; as outras duas pontas, apertando na região anterior do pescoço servem, apenas, para evitar que o lenço seja deslocado pela acção do vento; enfunando, na cor-

rida, faz lembrar uma enorme cabeçorra cheia de ar, cujo volume e forma vão continuamente variando. Uma camisola de lã normalmente de cores carregadas, umas calças interiores de mulher, geralmente de cores claras (brancas, cor de rosa,



Fig. 7 — Mascarado de Campo d'Égua.

azuis, etc., frequentemente estampadas) e feitas de flanela, compridas até ao joelho e umas meias, também de mulher, compridas até acima do joelho, são as restantes peças de vestuário. Como calçado, normalmente botas de cabedal.

Por cima da camisola, o «mascarado» usa um par de coleiras de bois, com campainhas em grande quantidade, cruzando no peito e nas costas. Na mão direita usa um «chicote» que é, normalmente, um grosso cinto de cabedal e umas luvas de lã a fim de, mais dificilmente, ser identificado e reconhecido.



Fig. 8 — Mascarados de Argeriz.

O «mascarado», como aliás acontece com todos os outros tipos de «caretos», goza de privilégios especiais que, naturalmente, a sua indumentária lhe concede, privilégios esses que se encontram perfeitamente expressos no seguinte ditado carnavalesco: «*No Entrudo passa tudo*».

E, na verdade, toda a gente toma as suas precauções neste período festivo, pois que o «careto», senhor da sua grande liberdade, entra em todas as casas e em todas as suas dependências desde o momento que se encontrem abertas; mexe e remexe em tudo que se encontra ao seu alcance, chegando



Fig. 9 — Grupo de mascarados de Argeriz.

mesmo a apoderar-se, na presença das pessoas da casa, de uma peça de fumeiro (alheira, chouriço ou salpicão) sem que esta sua atitude seja considerada um roubo ou qualquer falta grave que mereça um reparo ou repreensão.

A visita de «mascarados» ou qualquer outro «careto» a uma casa é, mesmo, uma prova de muita estima e consideração.

Muitas famílias há, que aproveitam o Entrudo para, transformados em «caretos», visitarem os seus amigos, divertindo-se em conjunto (dançando e cantando) depois de se darem a conhecer.

O «mascarado» só anda de dia; logo que escurece recolhe a casa e desaparece como «careto». Mas, nas poucas horas de vida que tem em cada ano, corre sem descanso por campos, ruas e carreiros, ouvindo-se à distância devido ao barulho das numerosas campainhas e fazendo vibrar violentamente no ar o seu chicote, como se ensaiasse um ataque a qualquer inimigo invisível; soltando continuamente sons guturais, ininteligíveis, qual grito de guerra, ele corre atrás da rapaziada alvo-roçada que ainda corre, normalmente, mais do que ele, com medo das chicotadas sem piedade do seu perseguidor. De notar também que, de uma maneira geral, os mascarados não andam isolados, mas sim em grupos. Na aldeia, o Entrudo é considerado tanto melhor, quanto maior for o número de mascarados a percorrer as suas ruas.

Alguns «caretos», incluídos na categoria dos «mascarados», não usam qualquer «careta» a cobrir a cara; limitam-se a «infortar» (enfulijar) a cara. Para isso, «untam» as mãos com azeite, esfregam-nas em seguida nas «padieiras» dos fornos passando-as, depois, pela cara. Este «careto preto» completa a sua imagem colocando, geralmente, uns dentes de cebola que sobressaem, pela sua brancura, do tom negro e luzidio da pele. As restantes peças que caracterizam este «careto» são as mesmas que já foram descritas.

«*Madamas*» (Figs. 10 a 14).

A indumentária deste tipo de «careto» é, ao contrário do que acontece com o «mascarado», muito mais variada nas suas linhas gerais dependendo, essencialmente, da imaginação de

cada um e, imaginação, é aquilo que menos falta nesta festa do ano: são raparigas que se vestem de rapazes e mesmo de velhos, com grandes barbas; são rapazes que utilizam, como disfarce, peças de vestuário de mulher; são pares de namorados, sol-

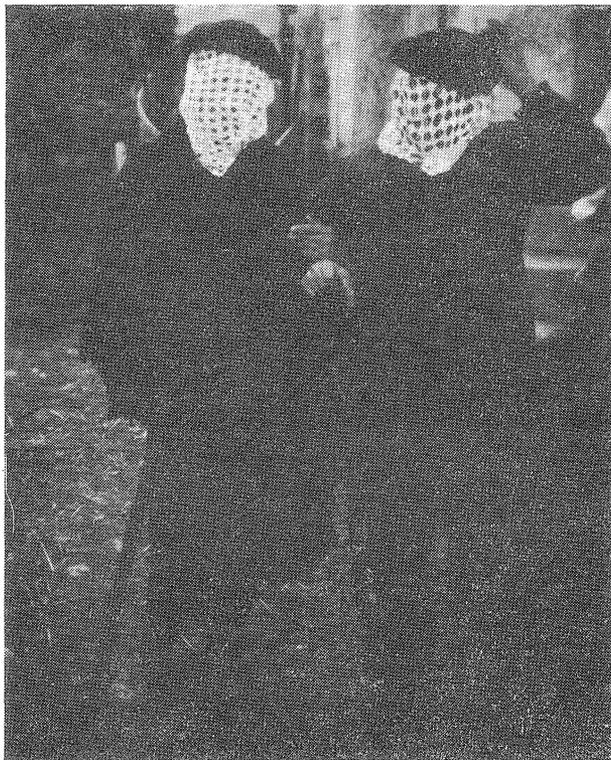


Fig. 10 — Madamas. Par de namorados.

dados, generais, reis e rainhas, corcundas, etc. Na Fig. 14 um dos caretos faz de «burro» ao qual não falta, mesmo, a albarda, enquanto que um outro se encontra escarranchado no seu dorso e, ao lado, o condutor da «besta», de pau na mão:

Mas nem sempre é o homem que se faz passar por burro. Num dia de Entrudo, em Campo d'Égua, um grupo de «caretos» levava um burro (um burro autêntico) pela arreata, obrigando o pobre do jumento a entrar em todas as casas mesmo naquelas em que era necessário subir íngremes escadas de granito com muitos degraus e, uma vez lá dentro, a dar uma volta completa à lareira!...



Fig. 11 — Grupo de 4 «Madamas».

Como é fácil reconhecer através das fotografias, uma característica, uma só, é comum a este tipo de «careto»: é que todos tapam a cara com um pano de renda branco, ou outro qualquer tecido mais ou menos transparente.

As «madamas», tal como acontece com os «mascarados», entram em todas as casas; dançam, ameaçam gesticulando, mas são todos «mudos» a fim de não serem facilmente «conheci-

dos. Formam, normalmente, grupos por vezes numerosos, deslocam-se a passo lento, cumprimentam toda a gente e andam quer de dia quer de noite.



Fig. 12 — Grupo de 6 «Madamas».

O «CINZEIRO»

Esta terceira encarnação anual, digamos assim, do «*coreto de Campo d'Égua*», caminha rapidamente para a extinção não sendo, já, muito frequente. Relativamente aos outros dois tipos descritos, ele tem sempre uma representação muito pouco significativa.

Normalmente, utilizam como vestuário uma manta velha ou um saco a servir de vestido, cara «inforatada» (enfulijada) e um chapéu velho enterrado na cabeça. Por baixo da manta,

quase sempre, a tiracolo, o cinzeiro leva, respectivamente, um saco ou um alforge cheio de cinza, de onde lhe vem o nome por que é conhecido. Às mãos cheias, ele vai lançando aquele produto sobre todas as pessoas que se encontram desprevenidas, que não deram pela sua aproximação e não tiveram tempo



Fig. 13 — Grupo de 3 «Madamas».

de fugir, ou que por ele foram apanhadas na fuga. Caminha devagar ou depressa, conforme mais lhe convém, a fim de cair sobre a sua presa.

Pelas razões apontadas, o «cinzeiro» é um «careto» que todas as pessoas procuram evitar, mas nunca molestar; é preciso não esquecer que se está no Entrudo e lá diz o ditado... À sua aproximação, caso seja assinalada, fecham-se portas e janelas, sempre que estejam ao seu alcance, pois a cinza atirada

para dentro das próprias casas pode ir, mesmo, parar à panela de caldo fumegante ou ao toucinho da frigideira...



Fig. 14 — Grupo de 3 «Madamas» com uma a fazer de burro.

ENTERRO DO «ENTRUDO»

À meia noite de Terça-feira de Carnaval e em cada ano, o Entrudo morre, para ressuscitar cerca de um ano depois. Ao fim da tarde, após o pôr do sol realiza-se o seu enterro.

Com quatro tábuas velhas é preparado um «esquife» onde é metido o Entrudo, um boneco feito de palha e de trapos principiando, então, através das ruas da povoação, o cortejo fúnebre: à frente do préstito segue, coberto com um lençol, o padre, vindo em seguida o «morto» transportado por quatro homens ao lado de cada um dos quais um outro transporta um alto

«fachuco» de palha. A fechar o cortejo segue toda a gente da aldeia que pretenda nele tomar parte, onde não falta a garotada chorando e lastimando-se como se se tratasse de uma pessoa da família e muito querida. Findo o cortejo e em local previamente escolhido pelos organizadores, o Entrudo não é enterrado, mas sim queimado.

Como se explica a presença ainda, através de uma festa tipicamente pagã, da «cremação» dos cadáveres?

«MASCARADOS» DE ARGERIZ E DE ERVÕES

Na aldeia de Ervões, sede da freguesia do mesmo nome, o «mascarado» apresenta uma característica muito interessante; não usa chicote como o de Campo d'Égua mas um comprido pau numa das extremidades do qual está preso um «odre» cheio de ar, com a qual «zurra» nas pessoas que lhe passam ao alcance na rua e mesmo naquelas que se encontram nas janelas e varandas mais baixas.

Em Argeriz o «mascarado» (Figs. 8 e 9) usa, além do chicote, na mão direita, um comprido pau na mão esquerda com, aproximadamente, 2 m de comprimento. Outra característica que o distingue consiste no uso de uma «faixa» de tecido em volta da cintura, bem como a cor das camisolas que é, regra geral, mais clara.

Estudar com mais pormenor os «caretos» de Ervões e de Argeriz, creio que teria muito interesse. Tal estudo ultrapassava, no entanto, o âmbito deste trabalho.

Guimarães, Setembro de 1983.

ADÉRITO MEDEIROS FREITAS *

Prof. de Geologia no Liceu Martins Sarmiento (Guimarães),
sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia,
que foi aluno de Antropologia no ano lectivo de 1960-1961
na F. C. da Univ. do Porto.

* Rua Dr. Saraiva Brandão, 260 8.º - D.to — 4800 Guimarães.